

ENCONTROS, PENSAMENTOS E ESCRITAS DE SI: PARA ALÉM DE UMA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM ARTE

VIVIANE RODRIGUES¹; ALBERTO COELHO²

¹Instituto Federal Sul-rio-grandense – vivianecosrodrigues@gmail.com

²Instituto Federal Sul-rio-grandense – albercoelho@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho compõe-se de uma dissertação, concluída em 2015, que se deteve nos atravessamentos entre o olhar, o pensar e o escrever compostos a partir das paisagens da Praça Coronel Pedro Osório na cidade de Pelotas, um lugar escolhido pela contingência dos *bons encontros*¹ que ali se passavam. Cenário e personagens caracterizados como passantes - trabalhadores, prostitutas, manhãs, tardes, engendraram na sequência de muitos dias, novas narrativas. Nos detalhes dessa captura é que se desenhavam o encontro com o imprevisto diante das impressões que ali se produziam, com o passar dos dias. Notava-se que as imagens reiteravam uma produção constante de outras passagens e de composições climáticas pertencentes ao lugar.

Este foi o funcionamento da Praça dentro da pesquisa que estive realizando e que se colocou como elemento disparador de intensidades de uma escrita que trata de uma *formação de si*. Instigava-me na percepção atenta aos detalhes do lugar e utilizava-a como pausa para breves leituras e instantes de descanso. Foi então que esse encontro “útil” fora afetado por uma produção de intensidades sentidas e vivenciadas fazendo aumentar a singularidade de uma relação pela qual se tomavam outras percepções.

Tratei, pois, de abrir o olhar numa instigação que atuou junto ao pensamento e a escrita, reinventando modos de existir e propondo discussões sobre a própria formação docente e seus elementos de formação continuada na vida.

A escolha pela Praça e não outro lugar veio a ser determinante quando atentei para uma particularidade, uma referência nostálgica de infância e de tempos atuais, pois ela ainda é tomada como espaço público preservado de lazer e sua posição central é privilegiada servindo de palco para diversas manifestações artísticas e culturais. A essa particularidade também exprimia a ideia de uma interlocução, algo a ser chamado de *intercessão* como em Deleuze (1992). O conceito de intercessores é dado por esse autor para se referir a forma como atuam os mobilizadores de um pensamento. Os intercessores são próprios de uma afinação e desafinação com o lugar e seus componentes físicos, estruturais e, porque não, invisíveis. O autor aposta na ideia de que a criação conceitual para o filósofo depende do trabalho de seus intercessores, a eles se caracteriza a mobilização, o deslocamento, o impulso para a criação tão cara ao trabalho dos filósofos. Os intercessores podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; - mas também coisas, plantas e até animais (idem, 1992, p.156) A Praça, portanto, funcionaria como intercessora de um aprendizado, mobilizando o pensamento.

A ideia de uma *formação de si* está em relação a um *cuidado de si* segundo Foucault (2009), em que o autor faz considerações acerca da ressonância da ética

¹ Cf. DELEUZE, 2002.

do cuidado de si na contemporaneidade recorridas às práticas sociais exercitadas na cultura antiga². Para traçar sua análise, Foucault propunha discutir e problematizar as implicações dessa ética nos dias de hoje. O cuidado de si diz respeito a uma escrita de si, a um exame de consciência e a uma constante intensificação da vigilância em torno da conduta do próprio sujeito. Dentro desta dimensão, proponho pensar a experiência que o indivíduo tem consigo mesmo diante das interrogações que ele faz de suas próprias atitudes, na relação com os outros e com as coisas da vida. Para então, a partir disso, focalizar o próprio ponto de singularidade e de diferenciação nesse processo.

Para tanto, foi preciso construir maneiras de interrogar-se. Foi assim que cheguei a duas questões principais trabalhadas: Como fazer funcionar um pensamento que se articula com a Praça nos encontros que ela reserva? Como captar destes encontros às singularidades que são passíveis de compartilhamento numa dissertação de mestrado? Essas são questões que problematizavam uma produção de sensações dando corpo à investigação.

Problematizar uma ideia de *formação de si* que se constrói no vivido, de um questionar a si próprio, tem a ver com as marcas deixadas pelos encontros com a Praça e com encontros como aqueles estimulados pela família, pela escola, no trabalho, dentre outros espaços de convívio. No sentido desta construção buscava-se relacionar este formar a si a uma ideia de *formação docente* decorrente dos atravessamentos sensíveis que possivelmente foram estimulados em minha formação acadêmica em arte, com a qual se instaurava a construção de conhecimento e que, de certa forma, me levou até a Praça fazendo constituir com ela bons encontros.

Na experimentação com a Praça e com as leituras das Filosofias da Diferença instigou-me muitas conexões, uma delas, a reinvenção também de uma escrita. Em outras palavras, busquei desdobramentos nas maneiras de viver a vida e ver o mundo. Deixando-me levar por uma escrita em processo, um vir a ser que instigava uma desacomodação incessante. Nesse processo instauravam-se as vivências em diversos espaços de convívio social com diferentes aspectos forjados na própria formação pessoal. Tratava-se daquilo que compõe nossas concepções, nossos saberes e nossos valores. De tudo a que somos atravessados, quando somos.

2. METODOLOGIA

Como procedimento metodológico, a cartografia produziu dados capturados numa dimensão entre o visível e o invisível espaço-tempo onde operavam os tantos atravessamentos. Da relação com as forças da Praça, de visibilidades e experimentações, emergiram impressões que foram sendo escrita num *caderno de escutas e notas*, uma coleção de conexões poéticas das coisas da vida e do mundo. Com a Praça foram sendo capturadas as singularidades dos encontros que se revelaram pela imprevisibilidade, o imprevisto tangenciando um plano de composição. Nessa perspectiva, uma formação de si se apoiou nas impressões dadas no cotidiano de um lugar onde se produzem distintas relações. Conectar-se com a Praça através da criação de uma escrita configurou-se como outro objetivo a ser trabalhado. Os atos de criação em processo se davam nas ações de ver e olhar, falar, escrever, interpretar, caminhar, todas estas eram formas que provocavam a

² Estas são algumas questões que aparecem em O Cuidado de si (FOUCAULT, 2009), e que foram apresentadas com o intuito de traçar uma análise em torno da cultura romano– estoica.

transformação da experiência. “É, a cada vez, inventar o outro, fazer brilhar um clarão de luz nas palavras, fazer ouvir um grito nas coisas visíveis” (DELEUZE, 2005, p. 124). A partir daí, uma atualização de ideias e de devires ativos impulsionavam afecções e efeitos de estranhamento produzidos nos encontros gerados pela interação com o lugar da Praça.

A busca por uma formação/transformação de si seguiu um ‘fazer funcionar’ verbos escolhidos para compor este trabalho: criar, insistir, apropriar, inventar. São os verbos que escolhi para fazer movimentar um *pensamento*³ mediante uma atenção às impressões dadas na Praça e na criação de uma escrita poética:

*Quando caía carregada de nostalgia
Se ia moldando o tempo entre as sombras
Despedindo o pouco que ainda restava
Da luz que tinha pôr-do-sol
Quem não gastava o tempo
Deixando-se apertar o abraço
Se demorar pelo cansaço
Onde tivesse um pouco de paz
As coisas diminuídas, enfraquecidas
Era um tempo de reserva
Pausa no nascer, no florescer
Raízes sem flor
Era tarde demais
Frio demais
Quando escurecia se podia ver
Não havia mais tempo
Uma natureza se calava para outra
Enfim se mostrar⁴*

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No âmbito de uma formação docente se compreende a importância de uma atualização, de uma formação continuada na vida e não somente na escola. Foi a partir da produção dos dados da pesquisa que esse enunciado foi problematizado. Entendeu-se que dessa análise foi possível trazer proposições relevantes como a ideia de que as afecções-signos produzidos durante a experimentação com a Praça introduziram outras percepções acerca da possibilidade de produção de uma subjetividade, pelas distintas correlações sobre a intervenção dos indivíduos nesse lugar antes verificada apenas como uma passagem trivial, cotidiana.

Um olhar que esteve à espreita espiou a Praça inventando sentidos para além de uma mera observação do lugar. O que então foi inventado? Estratégias que pudessem fazer funcionar um pensamento que se articula com a Praça, pelos encontros que ela reservava. Por uma produção de saberes em que examinamos as questões trazidas, e que, para além do estritamente pedagógico fossem possibilitadas novas formas de aprender com a problematização de uma formação de si mesmo.

³ Cf. DELEUZE, 2010.

⁴ Caderno de escutas e notas, 2014.

4. CONCLUSÕES

Boa parte das discussões trazidas foi acentuada justamente porque a formação docente, que está contida nessas linhas, continua a se desenvolver mesmo estando fora dos espaços institucionais passando a imbricar-se com a formação de vida. E com os recortes de vida que fazemos quando chamados a lidar com os estranhamentos causados nas relações vividas em outros tantos lugares.

Além das implicações epistemológicas contidas neste processo havia uma sensibilidade que se colocava disponível para o imprevisto, para o impensado quando propunha desnaturalizar o visível. Trajando novas roupagens foi possível conversar com os autores e interlocutores trazidos, de modo que eles tornavam razoável que novas impressões fossem dadas diante de uma problematização do próprio ato de pensamento interpondo-se a uma formação docente que interroga a si mesma dentro deste processo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª. Ed. - São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____, Gilles **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

_____, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____, Gilles. *A imagem do pensamento*. In: **Proust e os signos**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.